

O Castro de Curalha

2.^a e 3.^a campanhas de escavações
1975 e 1976

POR

P.^e Adolfo Magalhães, Dr. Adérito Medeiros Freitas
e Prof. J. R. dos Santos Júnior

— «...Durante cerca de mil anos (entre os séculos VII a.C. e II da nossa Era) com apogeu nos últimos tempos da Idade do Ferro, existiu, em vasta área do Noroeste Peninsular, a cultura chamada «castreja», cujo limite meridional se situa nas margens do rio Vouga e que derivou duma expressiva combinação de vagas pós-hallstáticas com o fundo indígena de atardado Bronze Atlântico».

Prof. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Situado, apenas, a 5 km da cidade de Chaves, no cimo de uma colina sobranceira ao rio Tâmega, de fácil acesso e a pequena distância da estrada de Chaves a Braga, o castro de Curalha, a que o povo chama «Castelo», oferece, pelas suas características, a oportunidade de uma magnífica lição de cultura castreja neste Noroeste Peninsular.

Depois da sua primeira visita àquelas venerandas ruínas, o MESTRE sapiente que foi José Leite de Vasconcelos, apon-
tou-as como «*página eloquente da cultura castreja*».

Na verdade, empolga o nosso espírito todo o conhecimento relativo à vida rudimentar dos povos que nos precederam na região que ora habitamos. A satisfação desta curiosidade natural exige, da nossa parte, um estudo sistemático de todos os vestígios que ali deixaram os nossos antepassados, muitos dos

quais ainda dormem, há séculos, no subsolo daquelas vertentes. Desentulhá-los, interpretá-los, fazer reconstituições prováveis e sentir, ali, naquele amontoado fragmentado, o modo de vida desses nossos antepassados, é ler um dos capítulos mais fecundos desse passado longínquo e espicaçar a nossa ânsia de saber.

Todavia, o castro de Curalha foi bem delapidado, até pela Junta de Freguesia, em tempos não muito distantes. Cremos que não actuaram de má fé; eles ignoravam que estavam a destruir, talvez, páginas da sua própria história e ninguém lhes chamara a atenção para isso. O castro oferecia-lhes, ali à mão, aparelhada, a matéria-prima de que necessitavam para as suas construções e, eles, não recusaram essa oferta. Hoje, não a aceitavam! Hoje, o povo de Curalha guarda e estima aquelas ruínas. Hoje, e finalmente, o povo de Curalha tem pelo «seu castro» o carinho que durante tantos anos lhe tinha sido negado. Salvo uma ou outra pedra caída das muralhas e das paredes levantadas das casas postas a descoberto, todos os trabalhos realizados durante a campanha de 1974 se mantinham conservados.

Ao elaborar este relatório, não podemos deixar de recordar, com grande saudade, a falta do nosso amigo e colaborador, requerente connosco da respectiva autorização para a 1.^a campanha de escavações, que foi o Dr. Francisco Gonçalves Carneiro Júnior, falecido em Fevereiro de 1975. Ele foi o dedicado organizador da «Secção de Arqueologia» do Museu da Região Flaviense, onde vai dando entrada todo o espólio do castro de Curalha. Neste mesmo museu, durante uma singela mas expressiva homenagem dos seus numerosos amigos e admiradores, foi descerrada uma lápide comemorativa do 1.^o ano do seu falecimento.

Meios de que dispúnhamos na 2.^a campanha — 1975

«Dado que não nos foi possível, superiormente, a concessão de qualquer verba destinada à primeira campanha,

as escavações teriam ficado sem efeito se não fora a colaboração da Comissão Regional de Turismo de Chaves, que contribuiu com uma verba de 10 000\$00. Esperamos poder continuá-las em 1975, mediante uma ajuda dos serviços competentes» (1).

Efectivamente, e conforme as nossas intenções expressas no relatório da campanha de 1974, as escavações no castro de Curalha prosseguiram no mês de Agosto de 1975.

Não foi sem grande sacrifício, de dinheiro, tempo e esforços, que o grupo requerente se abalançou a realizar mais uma campanha de escavações.

Dispúnhamos, para o efeito, de uma pequena importância, resto da verba que nos fora concedida, no ano anterior, pela Comissão Regional de Turismo de Chaves. Magnífica colaboração foi-nos prestada pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Chaves, que pôs à nossa disposição um *jeep* para transporte, de manhã e ao fim da tarde, de pessoas e material. Esta atitude reflecte, sem dúvida, o grande interesse manifestado pelo seu presidente, Major Flávio Videira, na recolha de documentos arqueológicos que possam vir a contribuir para a reconstituição do passado histórico da famosa «Aquae Flaviae».

Nada se teria feito, porém, sem o entusiasmo e dedicação verdadeiramente excepcionais de um pequeno grupo de estudantes do ensino secundário, cujos nomes vão indicados neste relatório.

Duração da campanha

Não queríamos, de modo algum, quebrar a continuidade dos trabalhos. Se outro motivo não houvesse, bastaria o interesse e dedicação do grupo de estudantes pelo estudo das

(1) P.^o Adolfo Augusto de Magalhães, Dr. Francisco Gonçalves Carneiro e Dr. Adérito Medeiros Freitas, *Castro de Curalha — 1.^a Campanha de escavações 1974*, Braga, s. d., 20 págs. e 17 Figs.

civilizações «castreja» e «romana» de uma vasta região de que Chaves é o centro.

Os trabalhos, devido a todos os condicionalismos apontados, só se realizaram em escassos cinco dias, respectivamente, 18, 19, 20, 21 e 22 de Agosto.

Foram superiormente orientados pelo Prof. Dr. J. R. dos Santos Júnior, auxiliado pelo Padre Adolfo Augusto de Magalhães e Adérito Medeiros Freitas, todos requerentes da respectiva autorização.

Colaboraram, ainda, nesta 2.^a campanha de escavações:

Joaquim Augusto Caetano (pedreiro)
Luís Manuel Montenegro de Araújo Pizarro (estudante)
Fernando José Magalhães (estudante)
João Manuel Xavier Araújo (estudante)
José Luís de Sousa Correia (estudante)
José Machado Ferreira Mangas (estudante)
Luís Manuel Xavier Guerra (estudante).

No último dia dos trabalhos estiveram ainda presentes os estudantes

Carlos Manuel da Costa Teixeira, e
Rui Jorge Xavier Guerra.

Trabalhos efectuados

Principiámos por colocar no lugar uma ou outra pedra caída das muralhas e muros das casas assinaladas no relatório da 1.^a campanha.

Os trabalhos de escavações propriamente ditos incidiram, porém, em duas zonas distintas do castro, previamente escolhidas:

- *Junto da porta de Sudoeste.*
- *Na zona central, junto do pinheiro manso.*

Trabalhos efectuados junto da porta de Sudoeste:

Neste sector, os trabalhos realizaram-se da parte da manhã. Da parte de tarde, e devido às temperaturas elevadíssimas que tivemos de suportar, os trabalhos prosseguiram no alto junto do pinheiro manso, cuja sombra nos protegia dos raios escaldantes do sol, permitindo-nos, assim, continuar as escavações nesta zona central do castro.

Todo o pavimento da porta do sw, constituído por terra e pedras de granito, algumas delas de grandes dimensões, encontrava-se levantado. Segundo informações de naturais de Curalha, teriam sido caçadores procurando retirar, de um buraco ali existente uma raposa.

Esta cavidade foi cheia, com pedras e terra, até à base da muralha que, aqui, assenta sobre massas graníticas na sua posição natural. De um e outro lado dos cunhais da muralha que limitam a porta, existem quatro cavidades de secção circular, pouco profundas, possivelmente apoios de uma porta ali existente (Fig. 1).

A reposição das pedras na muralha que ladeia a porta fez-se até cerca de 90 cm acima do nível conservado (Figs. 17, 18 e 19, Ests. II e III).

A muralha situada à direita da porta (quem sai) encontrava-se, internamente, em ruínas numa extensão de, aproximadamente, 4 metros, tendo sido por nós reconstruída desde a base (Figs. 18 e 19, Est. III. Neste trabalho de reparação da muralha fomos reconstituindo uma rampa de acesso à muralha ali existente. Esta, tem uma largura máxima, visível, de 1 m e mínima, na parte superior, de 80 cm (Fig. 1).

Espólio recolhido

Durante os trabalhos de limpeza e levantamento das pedras caídas junto da porta de sw, apareceram numerosos fragmentos cerâmicos de cor, espessura, forma e consistência diferentes:

- a) Numerosos fragmentos, alguns de boas dimensões, de telha caleira e de tijolo, espesso e de superfícies pla-

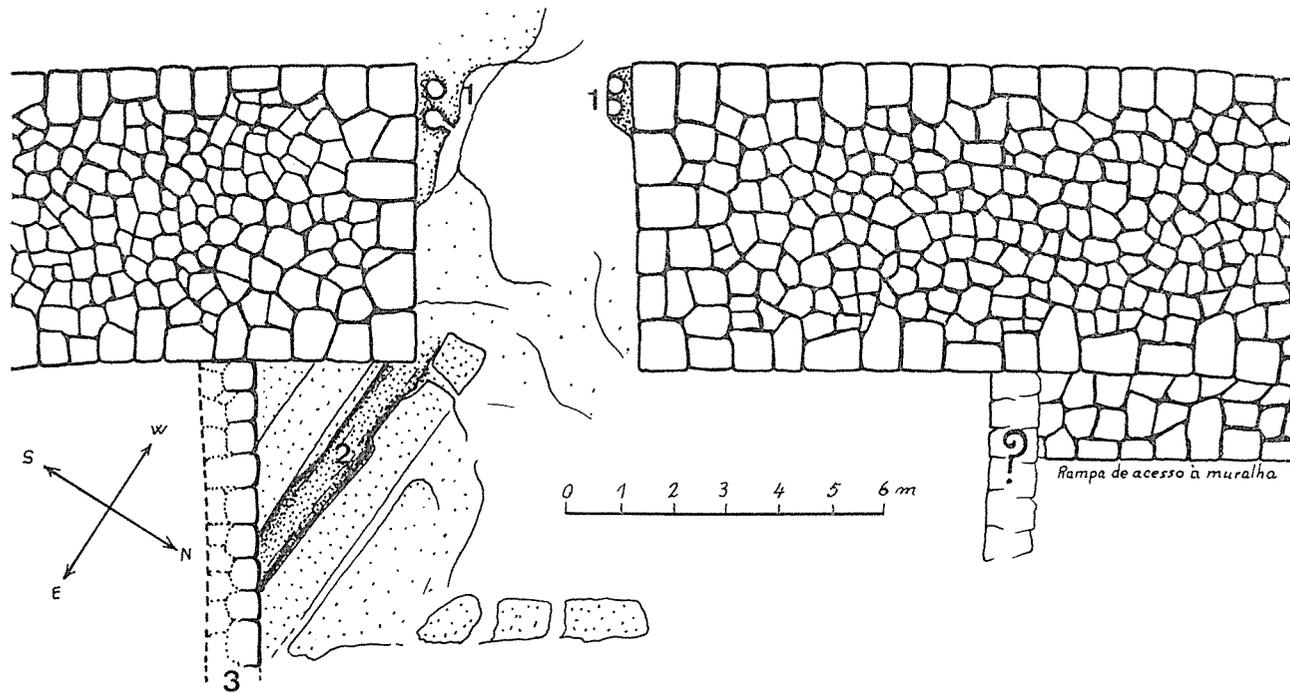


Fig. 1 — Planta esquemática assinalando os trabalhos realizados nas proximidades da porta do SW.
 1 — quatro cavidades circulares pouco profundas, a que se atribui o papel de apoio aos gonzos de portas; 2 — caleira pouco profunda que daria escoamento às águas das chuvas; 3 — parede (de casa?) a entestar na face interna da muralha.

nas e paralelas. A maior parte destes fragmentos possuíam cor castanha-avermelhada e muitos grãos de quartzo na sua composição.

- b) Um fragmento de um rebordo de vaso (Fig. 2 e Est. iv, Fig. 20), com 5 mm de espessura, ornamentado com numerosas pequenas depressões ovais situadas ao longo de uma saliência paralela ao rebordo da boca. Um pouco abaixo desta ornamentação encordoada, existe um pequeno orifício. O barro com que foi feita esta peça é abundantemente micáceo (moscovite) possuindo, em menor quantidade, pequenas areias de quartzo. Exteriormente é negro ou cinzento-escuro, mas internamente é de cor acastanhada.

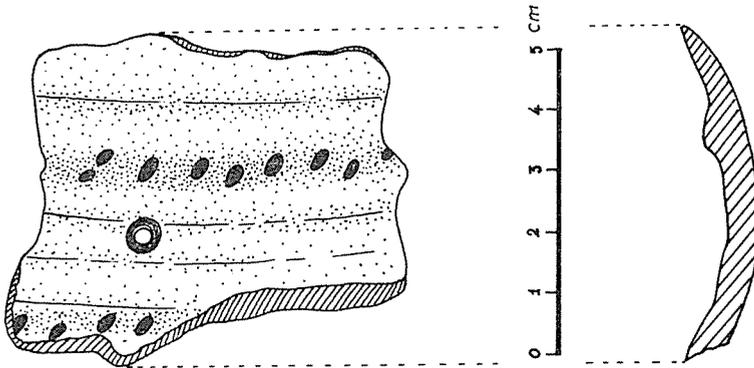


Fig. 2 — Fragmento cerâmico cinzento-escuro (rebordo de um vaso).

Numa tentativa para a reconstituição esquemática da boca deste vaso, obtivemos as seguintes medidas prováveis (Fig. 10) Diâmetro externo 10,3 cm; Diâmetro interno 9,5 cm.

- c) Um fragmento de outro vaso de barro, de cor castanha-avermelhada, com muitas mas pequeníssimas partículas de mica branca e algumas areias de quartzo, que, tal como no caso anterior, são de pequenas dimensões. Mede 11,5 cm de comprimento por 7,5 cm de largura

e uma espessura de 1,5 cm, o que, em relação ao fragmento anterior, lhe devia conferir notável resistência.

Os diâmetros prováveis da boca deste vaso, tal como está esquematizado na Fig. 9, são: Diâmetro externo, 15,2 cm; Diâmetro interno 12,1 cm.

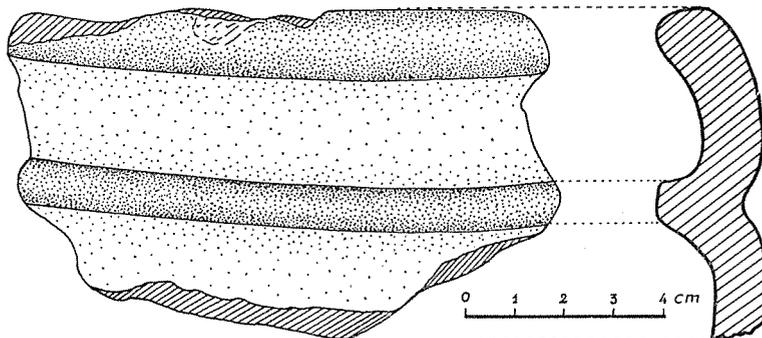


Fig. 3 — Fragmento cerâmico de cor avermelhada (rebordo de um vaso).

- d) Dois fragmentos também pertencentes a um outro vaso, cuja espessura varia entre 0,8 e 1,5 cm. Possuem cor levemente acastanhada e uma ornamentação que sobressai, paralela ao rebordo, semelhante a uma trança levemente saliente (em relevo). Na constituição do barro utilizado nota-se, como nos fragmentos anteriores, uma grande quantidade de pequeníssimas palhetas de mica branca. O conjunto destes dois fragmentos, quando justapostos, possui um comprimento máximo de 11,5 cm e uma largura máxima de 5,5 cm (Fig. 4 e Est. v, Fig. 22).
- e) Um fragmento, pertencente ao rebordo de outro vaso, de cor cinzento-acastanhado, micáceo, com uma espessura máxima de 0,8 cm e mínima de 0,5 cm. Dadas as suas pequenas dimensões — 4,5 cm de comprimento e 3,5 cm de largura — não nos foi possível fazer, ainda que aproximadamente, a determinação dos diâmetros prováveis da boca (Fig. 6).

- f) Dezanove fragmentos que, pela sua cor e espessura, nos pareceu pertencerem ao mesmo vaso. Todos estes fragmentos têm cor esbranquiçada, uma espessura média de 0,4 cm e faixas externas ornamentadas (Figs. 5, 7 e 8 e Figs. 23, 24 e 25 das Ests. v e vi).

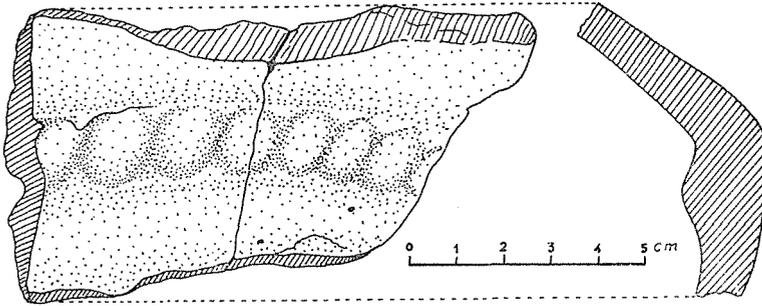


Fig. 4 — Fragmento cerâmico cinzento-acastanhado (rebordo de um vaso).

Nos desenhos das Figs. 4 e 8 e na Est. v, Fig. 23, podem ver-se tipos da ornamentação apresentada e no esquema da Fig. 5, o maior e o mais interessante

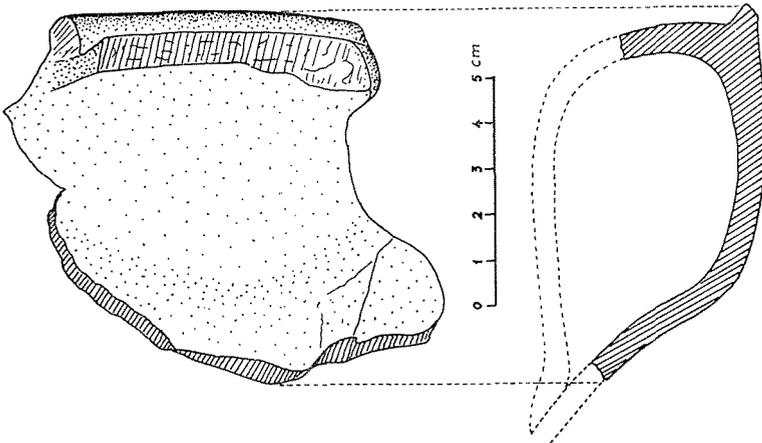


Fig. 5 — Fragmento cerâmico de cor esbranquiçada (rebordo e parte da asa de um vaso).

de todos os fragmentos deste vaso, uma porção do rebordo correspondente à boca, bem como parte de uma asa partida, cuja reconstituição foi tentada no referido desenho.

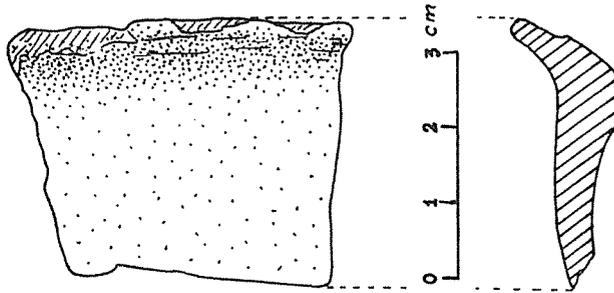


Fig. 6 — Fragmento cerâmico de cor cinzenta (rebordo de um vaso).

Além destes, muitos outros fragmentos cerâmicos foram encontrados mas, pelas suas reduzidas dimensões e incaracterís-

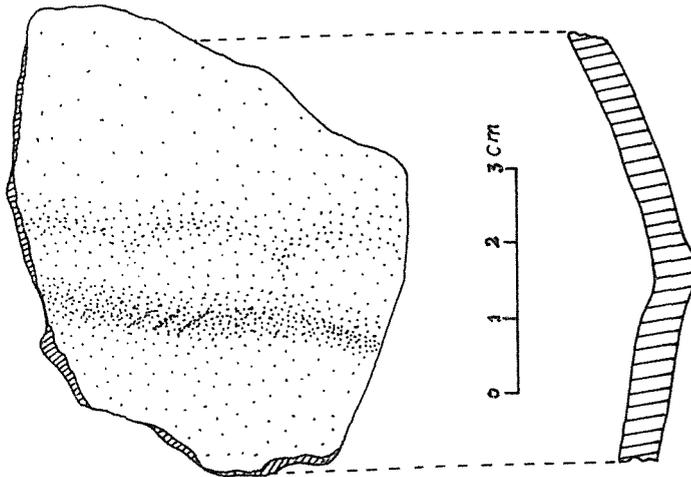


Fig. 7 — Fragmento cerâmico, de cor esbranquiçada, ornamentado, possivelmente pertencente ao mesmo vaso a que refere a Fig. 5. Por lapso o esquema da espessura ficou mais curto meio cm.

ticos, pareceu-nos não terem qualquer interesse para serem incluídos neste relatório. De qualquer modo, eles encontram-se no Museu Histórico-Arqueológico da Região Flaviense, como tudo o mais que foi encontrado no castro de Curalha.

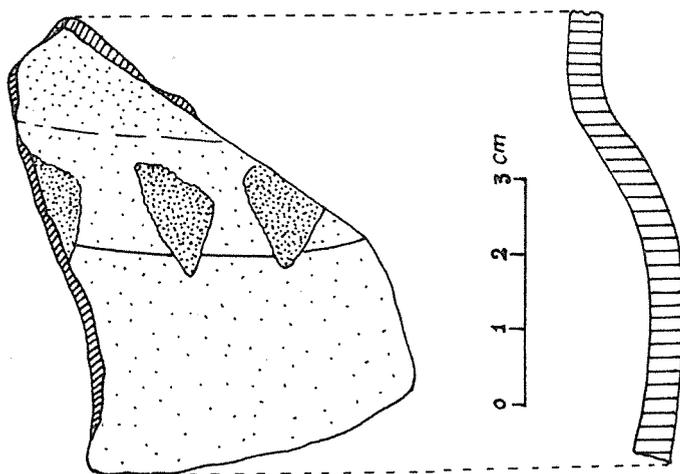


Fig. 8 — Fragmento cerâmico, de cor esbranquiçada, ornamentado, possivelmente pertence ao mesmo vaso a que se refere a Fig. 5.

Trabalhos efectuados na zona central do castro, junto do pinheiro manso

Como já referimos, e pelas razões apontadas, os trabalhos de escavações nesta zona do castro efectuaram-se da parte da tarde. Procurámos, assim, tirar o máximo rendimento para os poucos dias que tínhamos à nossa disposição.

Escavar esta zona central do castro despertou, desde o primeiro dia o nosso interesse. Nada nos foi possível fazer ali durante a campanha de 1974.

Transposta a porta de mais fácil acesso ao castro — a porta do Leste — pareceu-nos que, uma vez levantadas as

pedras amontoadas segundo um alinhamento semicircular em volta dos rochedos graníticos aí existentes e que dominam todo o reduto castrejo, iríamos encontrar uma passagem relativamente estreita para esta zona de castro; sobre os rochedos parecia ter existido uma casa do tipo circular, possivelmente posto de vigia, dada a sua magnífica situação.

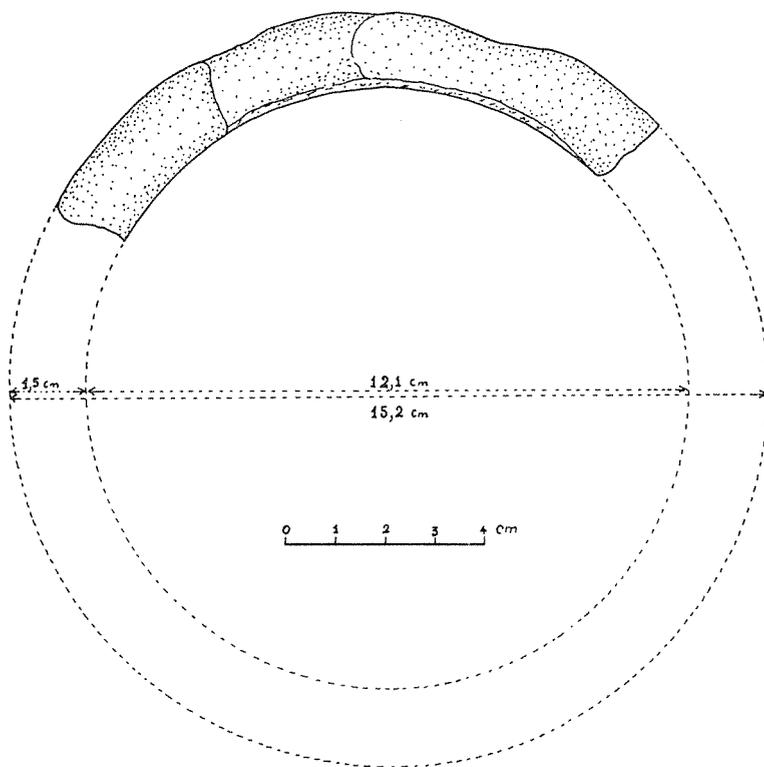


Fig. 9 — Boca do vaso a que se refere o desenho da Fig. 3 (reconstituição).

Os trabalhos efectuados durante a nossa campanha de 1976 vieram, pelos resultados até agora colhidos, testar a hipótese de casa circular.

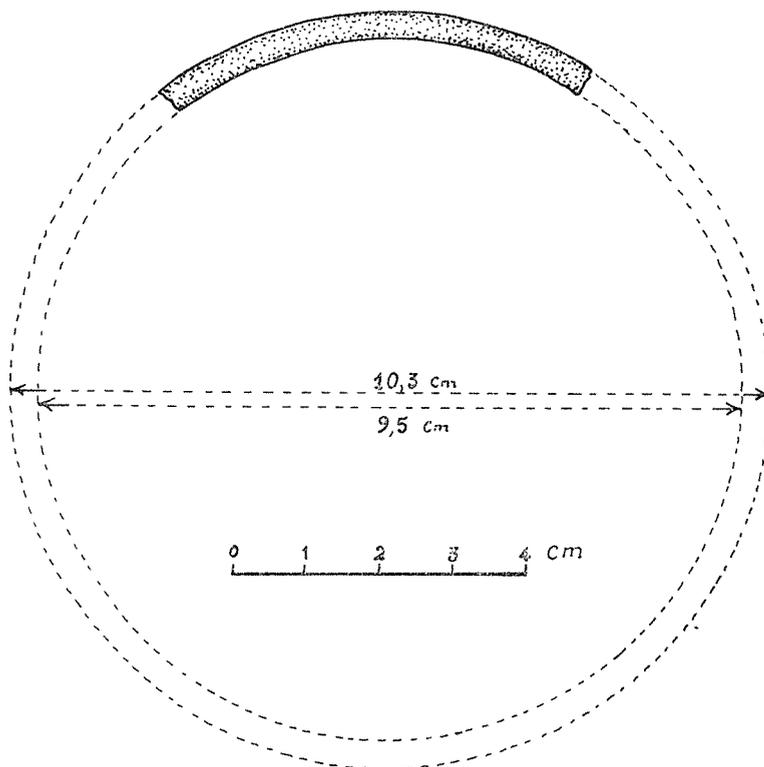


Fig. 10 — Boca do vaso a que se refere o desenho da Fig. 2 (reconstituição).

A passagem estreita ou corredor

Ao iniciarmos os trabalhos, só num ou noutro lugar se notava a presença de pedras colocadas numa posição limitante desta passagem (Fig. 11). Em tudo o mais existia, apenas, um enorme amontoado de blocos graníticos de diferentes formas e configuração.

Começámos por afastar todas as pedras que não nos ofereciam qualquer garantia de se encontrarem, ainda, na sua posição inicial. Quando a posição de alguma delas nos oferecia dúvidas, optávamos por mantê-la, convencidos de que a con-

tinuação de futuras escavações nos indique o que fazer. Na realidade, os limites eram aqui, num ou noutro ponto, mal

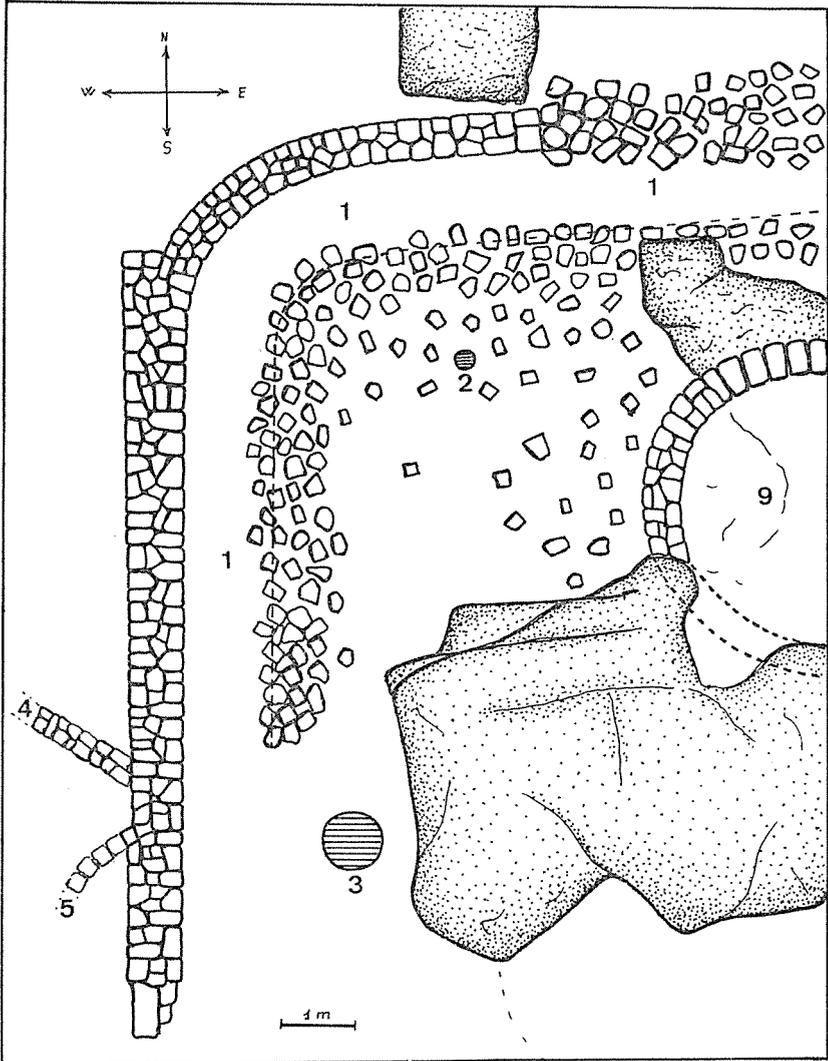


Fig. 11 — Planta do muro limitante, a Norte e a Oeste, do corredor de acesso (1) à zona central do castro, parcialmente reconstruído. À direita, planta parcial da casa circular (9).

definidos. Admitimos pois, a possibilidade de futuros trabalhos nos fazerem rever as descrições efectuadas e nos indicarem as alterações aconselháveis.

Quem entre no castro pela porta do Leste, aquela que permite um acesso mais fácil, o «corredor» aparece-lhe numa posição quase frontal em relação a esta porta. Curva, depois, para Sul formando estes dois ramos, entre si, um ângulo de, aproximadamente, 90° .

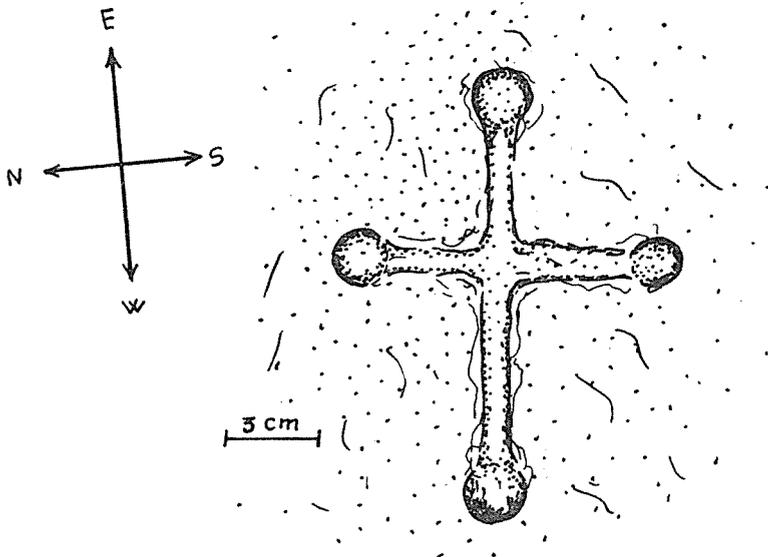


Fig. 12 — Representação esquemática da cruz gravada na rocha (granito), junto da casa circular 9.

Medidas: — O comprimento exacto desta passagem só pode ser conhecido quando todos os trabalhos tiverem sido, ali, realizados. Calculamos que esse comprimento seja de, aproximadamente, vinte metros.

Deste corredor, só o muro limitante a Norte e Oeste foi parcialmente reconstruído até uma altura variável. Essa reconstrução fez-se numa extensão de 16 metros (Fig. 11 e Figs. 27 e 28 das Est. VII e VIII). O muro que limita esta mesma passagem a

Sul e a Leste ainda não foi restaurado. Este é, no entanto, de menor comprimento. A largura do muro limitante a N e Oeste já reconstruído é variável. Enquanto que nuns troços mede 55 cm, noutros atinge 70, 76 e 85 cm.

Da base deste muro partem dois alinhamentos de pedra (esquemas 4 e 5 da Fig. 11), colocadas com uma certa regularidade que, segundo nos parece, devem indicar a existência, ali, de outras casas. Destes alinhamentos, um é rectilíneo devendo talvez pertencer a uma casa do tipo rectangular; o outro, mostra uma acentuada curvatura, que podia lembrar tratar-se de uma casa do tipo circular, hipótese pouco provável dada a sua interferência com o muro do corredor, e a sua pouca grossura.

Só futuras escavações, no entanto, indicarão se, na realidade, estes alinhamentos pertencem ou não a alicerces de antigas casas e se, por outro lado, elas pertencem ao tipo morfológico que, por hipótese, referimos.

Casa circular situada no cimo dos rochedos que dominam todo o reduto central do castro (Fig. 13)

Blocos graníticos nas suas posições naturais, desgastados pela acção de agentes variados, fissurados em várias direcções e elevando-se, alguns deles, a mais de dois metros de altura, ocupam a zona mais elevada do castro de Curalha, à sombra de um grande pinheiro manso e a curta distância da porta do Leste.

A passagem estreita ou corredor atrás referido contorna, em parte, este conjunto granítico (Fig. 11).

Sobre estes rochedos reconhecemos a existência de uma casa circular cujo diâmetro seria, aproximadamente, de 2 m. Dos muros limitantes desta casa restavam, apenas, um pequeno troço de 2,10 metros de comprimento, que se elevava cerca de 80 cm desde a base nos rochedos. Sobre estes, a posição do respectivo muro limitante encontrava-se, em parte, perfeitamente assinalada pela sua cor mais clara e sem plantas, prote-

gidos como estavam da acção directa dos agentes atmosféricos e dos seres vivos.

O pavimento desta casa era constituído por lajes de granito, com uma superfície plana, perfeitamente justapostas.

A porta, julgamos estar voltada para Este, isto é, para a porta da muralha que permitia, como já foi referido, um mais fácil acesso ao castro.

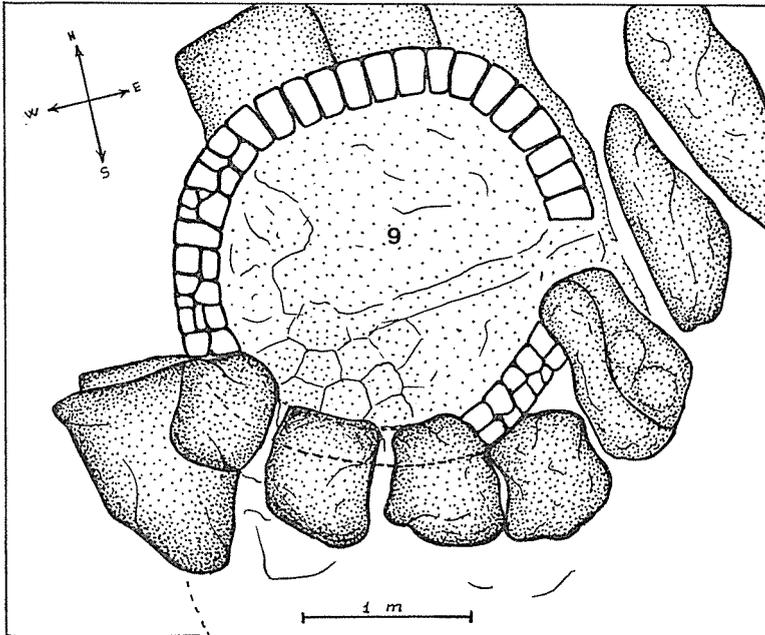


Fig. 13 — Planta esquemática da casa circular (9). Reconstituição.

Alguns dos rochedos (a Sul) elevados acima da plataforma natural correspondente ao pavimento da casa, eram aproveitados para parede natural limitante.

Sobre este pavimento rochoso, e, em parte, encoberta pelo muro limitante da casa do lado Norte, existe, gravada grosseiramente na rocha, uma cruz, cujos braços indicam, aproximadamente os quatro pontos cardeais. Na direcção N-S mede 11 cm e na direcção E-W mede 14,5 cm (Fig. 12 e Est. ix, Fig. 31).

Fragmentos de mós

Muito próximo do maciço granítico a que temos vindo a fazer referência e onde existia uma casa circular — possível posto de vigia — encontrámos, quase juntos, seis fragmentos de mós, todas feitas de granito (Fig. 32, Est. x).

O fragmento maior que se encontra na mesma fotografia, em último plano, foi por nós encontrado fora do castro fazendo parte de um muro de vedação de uma propriedade particular. Ocupava, nesse muro, quase a base.

Como o restante espólio já referido, estes sete fragmentos de mós encontram-se no Museu Histórico-Arqueológico da Região Flaviense.

3.^a Campanha de escavações no castro de Curalha Agosto de 1976

No dia 10 de Agosto de 1976, um «jeep» da Câmara Municipal de Chaves, por especial deferência do seu presidente Major Flávio Videira, mais uma vez conduziu uma leva de estudantes já iniciados nestas pesquisas e trabalhos arqueológicos, até ao castro de Curalha. O mesmo jeep voltava ao fim da tarde, para levar a Chaves os participantes nas escavações, fatigados e cobertos de poeira.

Compunham este grupo os seguintes elementos:

- Luís Manuel Montenegro de Araújo Pizarro
- Fernando José Magalhães
- Rui Jorge Xavier Guerra
- Luís Manuel Xavier Guerra
- José Luís Sousa Correia.

Dois pedreiros profissionais de Curalha, bem treinados na sua profissão, foram elementos de grande utilidade na reposição, nas muralhas, das pedras caídas das mesmas. Foram eles:

- Luís de Sousa e
- João Teixeira.

No dia 12 de Agosto foi este castro de Curalha visitado por três jornalistas de «O Comércio do Porto». Admiraram a espessura das muralhas que atinge, por vezes, 4,25 metros de espessura e que, junto da porta de sw se eleva a 1,55 metros de altura. Apreciaram a importância destes trabalhos e a necessidade de mais amplos recursos para prosseguimento de novas campanhas.

Os trabalhos foram dirigidos pelo Padre Adolfo Augusto de Magalhães sob a orientação do Sr. Prof. Santos Júnior, responsável por estas escavações. Estas, por falta de verba, limitaram-se a quatro dias com início em 10 de Agosto.

Trabalhos realizados

Principiámos por cortar o mato nos lugares onde haviam de incidir as pesquisas. Limpou-se, também, todo o caminho que, desde a porta oriental, dá acesso à zona central junto do pinheiro manso e à porta de sw, onde prosseguiram os nossos trabalhos.

Nos dias restantes, o grupo de estudantes referido trabalhou intensamente no enchimento, com entulho, pedra miúda e terra, do miolo da muralha ao lado desta porta.

Fez-se o reconhecimento e a medição de uma larga porta oriental, a recompor num hiato de cerca de 5 metros, reservando para posteriores campanhas a reconstrução das ombreiras.

Neste curto intervalo de tempo, os trabalhos incidiram, também, no topo roqueiro, com baixo pano de parede circundante, o qual, primitivamente, teria sido possivelmente utilizado como atalaia ou posto de vigia.

Achados

Durante esta curta campanha de trabalhos de escavações do Castro de Curalha apareceram, à flor da terra, alguns fragmentos de cerâmica de cor castanha e preta, que foram

recolhidos para a secção arqueológica do *Museu Histórico-Arqueológico* da Região Flaviense.

Como já foi referido no relatório da campanha de 1974, o castro de Curalha apresentava excelentes condições de defesa: a Leste o rio Tâmega (que em tempos recuados foi objecto de culto idolátrico), que se atinge descendo uma encosta de forte declive e semeada de grandes rochedos de granito; nas restantes direcções, um sistema de fortificações artificiais constituído por duas e, mesmo, três muralhas de grande largura; além disso, na direcção da povoação de Curalha, por onde o acesso era mais fácil, existiu uma extensa área de pedras fincadas, dispostas a prumo e grosseiramente pontiagudas.

Dadas as condições de defesa apresentadas e os vestígios de casas quadrangulares, cujos muros de algumas delas foram reconstituídos, parece podermos concluir da existência de importante núcleo populacional.

Feito o relatório circunstanciado destes trabalhos, reconheceu-se a necessidade de prosseguir o refazimento dos largos panos de muralha circundante, sem o que não é possível um plano geral do conjunto.

A destruição, pelo fogo, do mato abundante que todos os anos cresce no recinto fortificado, é um trabalho prioritário que urge realizar. São necessários, porém, todos os cuidados para evitar a destruição do frondoso pinheiro manso; este trabalho deve pois, ser realizado com a vigilante colaboração dos bombeiros, para isso já solicitados.

Na última reunião dos cooperadores desta obra de escavações, aliás muito breve, registou-se a necessidade de:

- a) Proceder a um restauro regular do castro em campanhas anuais de pelo menos 15 dias. Para isso, pedir a concessão de uma verba de, pelo menos, 30 000\$00 (trinta mil escudos);
- b) Pedir o alargamento e nivelamento do caminho que, da base do monte, conduz às imediações da primeira muralha circundante. Cerca de 500 metros. Este caminho facilitaria não só as campanhas de escavações

- como o acesso aos numerosos turistas e aquistas que frequentemente ali se deslocam;
- c) Divulgar conhecimentos de arqueologia e, muito especialmente, «castrologia» entre as pessoas interessadas por este género de trabalho;
 - d) Dar conhecimento de todos os trabalhos realizados no castro de Curalha, publicando, anualmente, os relatórios efectuados.

O Dr. Modesto Rodrigues Figueiredo, galego ilustre de Pontevedra, polígrafo de muito mérito que a estudos da História e de Arqueologia pôs a sua viva inteligência e as suas notáveis qualidades de erudito, veio, de propósito, da Galiza, para prestar a sua colaboração aos trabalhos quer da 27.^a campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos quer da 2.^a campanha no Castro de Curalha. Também esteve connosco na 1.^a campanha da Curalha.

Aliás este ilustre galego já aquando do «Colóquio de Cultura Castreja» realizado em Carvalhelhos visitara o Castro de Curalha, e ali procedeu connosco a prospecções especialmente na porta do sudoeste que lhe mereceu grande interesse.

Tinha prometido comparticipar no 2.º Colóquio Arqueológico-Histórico de Chaves, que se realizou em 18 a 20 de Fevereiro de 1977, mas o seu falecimento inesperado em 12 de Dezembro de 1976, não permitiu tê-lo a colaborar no colóquio flaviense de Fevereiro de 1977.

Perdemos um amigo e entusiástico colaborador, e a Galiza perdeu um seu ilustre filho, investigador dotado de viva inteligência e notáveis qualidades de trabalho.

Além dos estudantes que têm vindo a participar activamente nestes trabalhos é com viva satisfação que registamos o desejo manifestado por muitos outros em colaborarem no futuro. E hoje, quando se procura a integração dos jovens em actividades de interesse nacional, é pena se as autoridades competentes não aproveitam estes valores que, sem outros interesses que não sejam os «culturais», sacrificam as suas férias trabalhando dias a fio, cavando, carregando pesadas

pedras, crivando terra, debaixo de escaldantes raios solares de um mês de Agosto! Na sacola que levam às costas, vão normalmente umas sandes e uma garrafa de qualquer bebida que, a certa altura, já nem mata a sede..., mas apenas arrasta o pó!

Ali, no cimo do monte semeado de ruínas, os estudantes adquirem a rigidez de carácter necessária para se amoldarem às mais difíceis vicissitudes da vida moderna. Tentando compreender as civilizações passadas, eles compreenderão melhor a comunidade em que se encontram integrados.

Já os filósofos das escolas pós-socráticas haviam evidenciado o significado na cultura do espírito do conhecimento do «habitat» dos homens do passado. Por maior e mais intensa que tenha sido a luta pela sobrevivência do Homem, ninguém pode eximir-se ao estudo do esforço dos homens no seu passado social.

Desenhos e fotografias do
Dr. Adérito Medeiros Freitas

20 de Fevereiro de 1977.



Fig. 14 — Um dos aspectos dos trabalhos junto da porta de sw. À direita, três estudantes põem a descoberto o muro de uma casa entestada na muralha.



Fig. 15 — Porta de sw. Aspecto dos trabalhos de reposição de pedras nas muralhas e arranjo do pavimento da entrada.

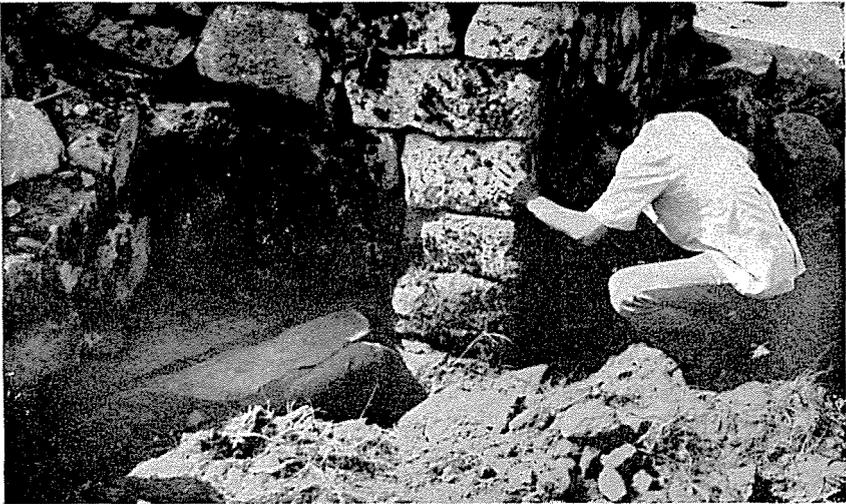


Fig. 16 — Porta de sw. À esquerda, em primeiro plano, caleira aberta na rocha viva, junto da parede de uma casa entestada na muralha.



Fig. 17 — Porta de sw. Sob a orientação do Prof. Santos Júnior, dois estudantes repõem pedras na muralha limitante da porta.



Fig. 18 — Outro aspecto dos trabalhos junto do cunhal interno da porta de sw. A face interna da muralha estava muito inclinada, ameaçando ruir. Foi reconstruída, desde a base, numa extensão de cerca de seis metros.



Fig. 19 — Aspecto final dos trabalhos junto da muralha da porta de sw. À direita, uma rampa de acesso à muralha, indicada pelas setas.



Fig. 20 — Fragmento cerâmico, ornamentado, de cor externa cinzento-escura, abundantemente micáceo.

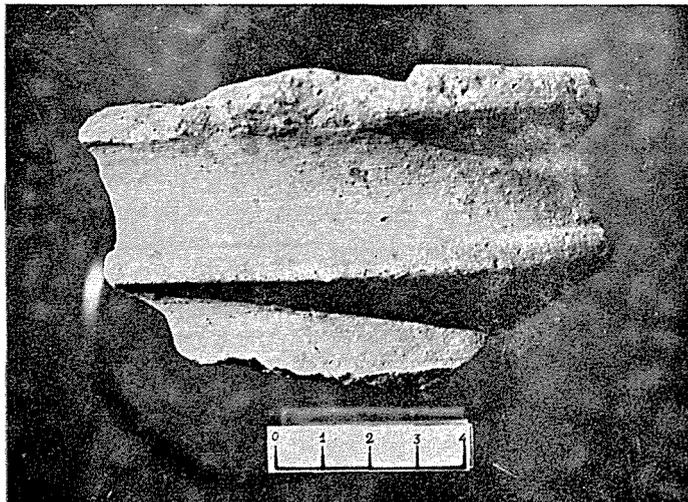


Fig. 21 — Fragmento cerâmico (reborde de um vaso), de cor castanho-vermelhada.

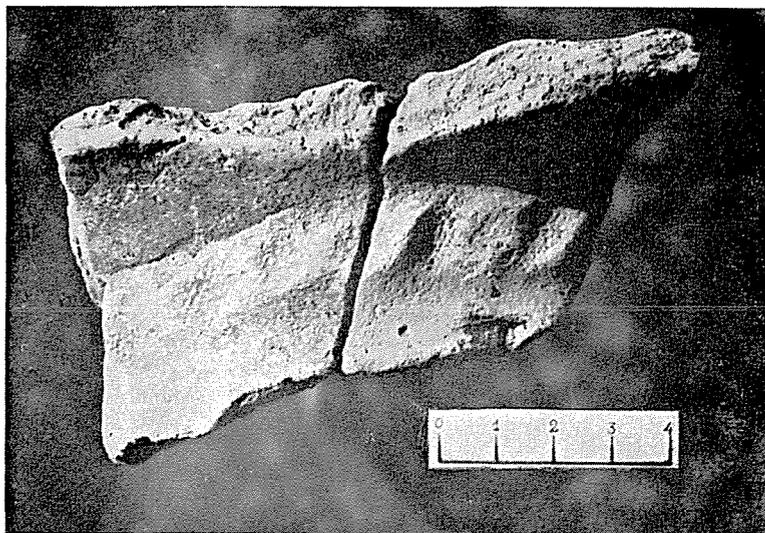


Fig. 22 — Dois fragmentos cerâmicos, justapostos, cinzento-acastanhados, pertencentes a um rebordo de vaso.

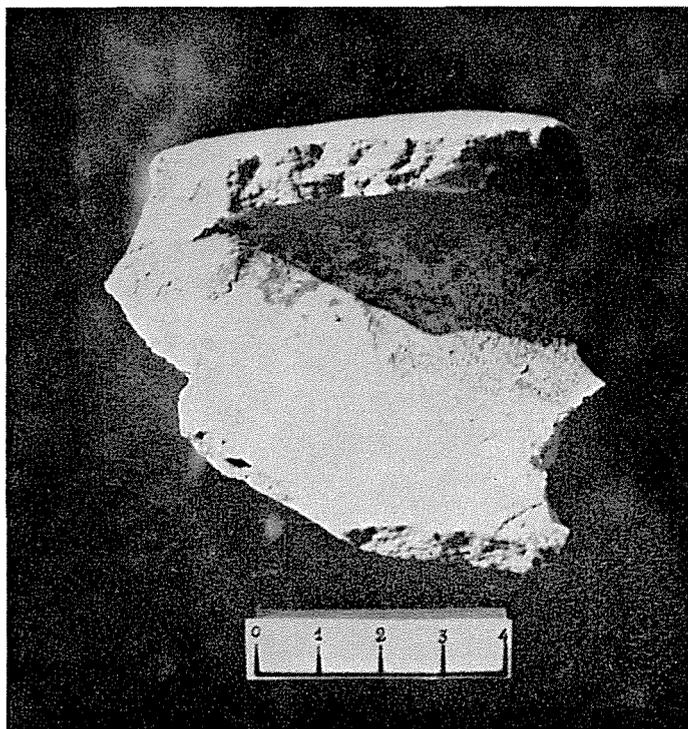


Fig. 23 — Fragmento cerâmico de cor esbranquiçada. Rebordo e parte da asa de um vaso.



Fig. 24 — Três fragmentos cerâmicos. Os dois, em cima, parecem pertencer ao mesmo vaso a que se refere o desenho da Fig. 5 e a Fig. 23. O outro, cinzento, pertence a outro vaso (Fig. 6).



Fig. 25 — 19 fragmentos cerâmicos, de cor esbranquiçada. Incluídos neste conjunto, encontram-se dois dos fragmentos da Fig. 24 e o fragmento da Fig. 23.

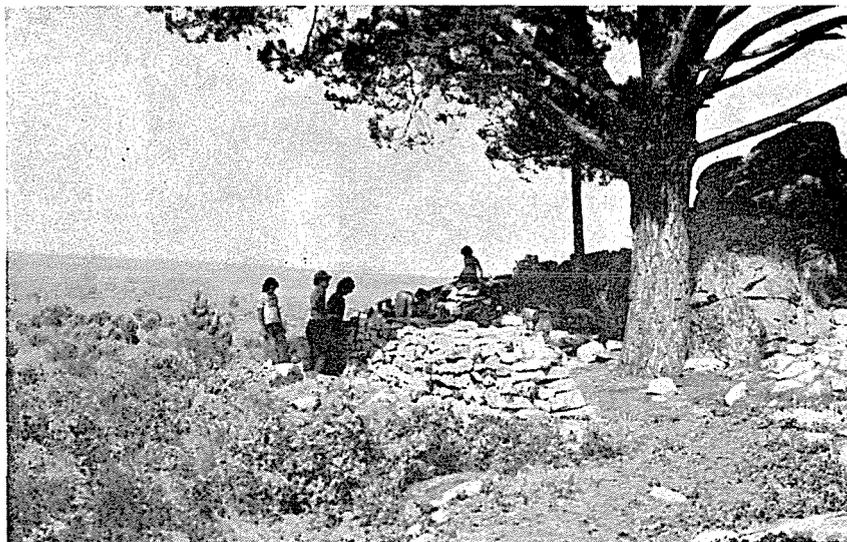


Fig. 26 — Um aspecto da zona central do Castro, junto do pinheiro manso onde, diariamente (tardes), incidiu uma parte dos nossos trabalhos.



Fig. 27 — Trabalhos de reconstituição de um muro que, a Oeste, limita a passagem estreita ou corredor de acesso à zona central do Castro.



Fig. 28 — Reconstituição do muro que, a Norte, limita a passagem estreita ou corredor. À direita, atento aos trabalhos, o Padre Adolfo Magalhães.

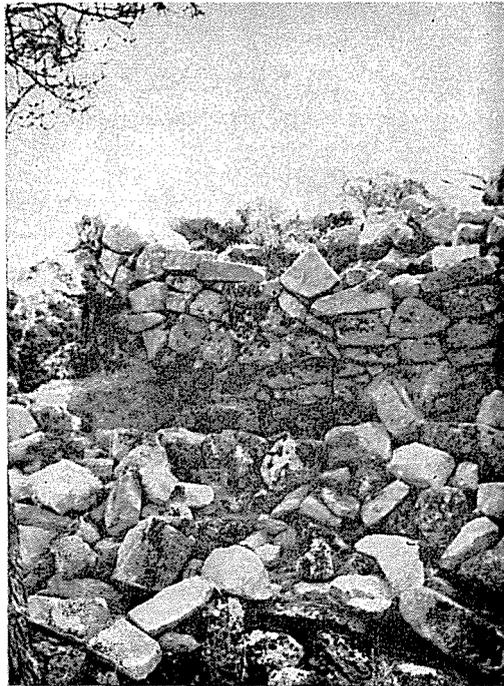


Fig. 29 — Muro da casa circular situada sobre os rochedos do pinheiro manso (ver planta esquemática da Fig. 13).

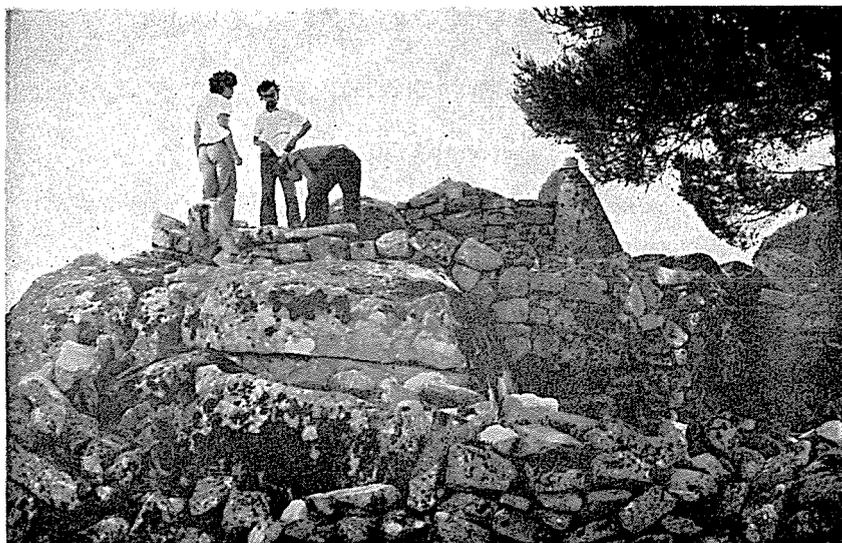


Fig. 30 — Reconstituição dos muros da casa circular, situada sobre os rochedos que dominam todo o reduto fortificado (ver planta esquemática da Fig. 13).



Fig. 31 — Cruz gravada no rochedo sobre o qual assenta a parede da casa circular da Fig. 13. Está coberta pelas pedras do muro da casa, admitindo-se pois, que seja contemporânea ou anterior à construção daquela.

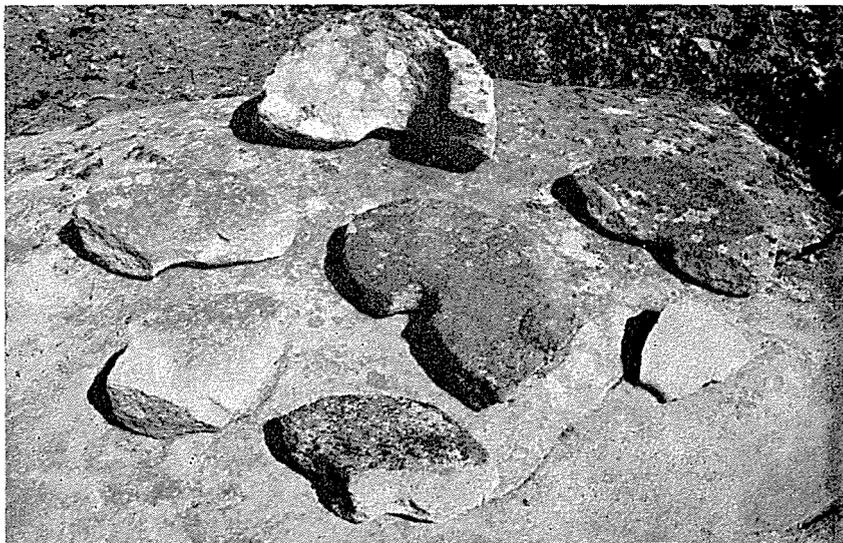


Fig. 32 — Sete fragmentos de mós, de granito, colhidas nesta segunda campanha de escavações do Castro da Curralha. A que se encontra no último plano, mais espessa e afundada, fazia parte de um muro de vedação de uma propriedade particular próxima do castro.